“É melhor ser alegre que ser triste
Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração
Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
É preciso um bocado de tristeza
Senão não se faz um samba não.”

Samba da benção

Vinicius de Moraes e Baden Powell

Assim como o “Samba da benção” de Vinicius e Baden, que serve de epígrafe nestas palavras finais, muitas composições falam da tristeza, presente na história de muitos sambistas e refletidas em suas canções. Muitos outros sambas falam da alegria do carnaval — efêmera, passageira. “Quarta-feira sempre desce o pano”, cantou o jovem Chico Buarque, em 1966. Entretanto, podemos ver, em determinados ambientes, que o samba ainda é fonte de muita alegria, mesmo fora dos tempos de carnaval, quando “harmonia”, igualdade e bom convívio são palavras de ordem.

Busquei com este trabalho mostrar que há distintas maneiras de compreensão e recepção de sambistas. No decorrer do tempo, sua imagem foi se transformando e hoje ela é mais plural do que fora anteriormente. Tive a feliz oportunidade de encontrar a declaração de Chico Buarque em um ambiente inesperado e iniciar as especulações que levaram à confecção desta dissertação.

Persegui, ainda, defender com este texto a autoproclamação do artista. As bases de reflexão são todo o histórico apresentado, referentes à história híbrida do samba e dos sambistas, assim como as “provas empíricas” buscadas na obra de Chico, em sua trajetória e em seus depoimentos. Além disso, busquei enfatizar que a associação do samba a determinados segmentos sociais e ao negro exclusivamente podem ser estratégias, nem sempre bem intencionadas.

O lugar da cultura popular no cenário artístico brasileiro é muito marcante. Em nosso país suas influências podem ser encontradas na maioria das manifestações artísticas nacionais, mesmo quando estas estão aliadas à arte erudita, dos livros ou da música, por exemplo. Infelizmente, o caminho inverso, ou seja, o acesso do povo aos instrumentos da cultura de elite, mesmo que esta já esteja contaminada pelo popular ou tenha nele sua influência absoluta, é muito mais complicado e difícil, em diversos aspectos.

Chico Buarque afirmou diversas vezes conhecer os trabalhos dos sambistas tradicionais, influenciado pelo gosto dos pais, admiradores, também, do cancionero popular. Eles são parte significativa de sua influência e de seu trabalho, no decorrer desses mais de 40 anos. A obra de Chico, no entanto, é muito mais restrita a um contexto específico. Paulo César de Araújo observou no artigo “Chico Buarque e as raízes do Brasil” que:

Depois que a banda passou, Chico foi-se tornando cada vez mais um artista restrito ao público de elite, segmento que a indústria cultural classifica como A e B. Donde a imprecisão de considerá-lo “unanimidade nacional”.

[...] Hoje, os discos e canções de Chico são para consumo e deleite majoritariamente do público de classe média, da Zona Sul carioca ou de áreas nobres das grandes metrópoles do país. Ele é, neste sentido, um artista basicamente local, e restrito a sua classe social. Não há muita comunicabilidade entre Chico Buarque e as raízes do Brasil, aquele Brasil mais profundo, mais pobre, maior.

(“Chico Buarque e as raízes do Brasil – Em questão a falta de contato entre o cantor e o povo”, *Jornal do Brasil*, p. B8)

Todos nós sabemos que essa constatação é absolutamente coerente. A circulação da obra de Chico Buarque é mormente restrita a determinados contextos sociais e intelectuais, mesmo tendo sido eleito numa enquete da revista *IstoÉ*, em 1999, o “músico brasileiro do século” (porém, por este mesmo público, leitor da referida revista).

O projeto de Gilberto Freyre, de “todo mundo junto”, da mestiçagem como originalidade e diferencial, de um convívio mais harmônico do que de fato é e foi na história brasileira talvez possa ser reconhecido nos trabalhos de Chico Buarque como sambista. Neles, o passado não nega o presente, o erudito não pretende-se superior ao popular, os conhecimentos das culturas negra e branca são responsáveis pela unidade. Pelo contrário da oposição dual, tão comum em nosso pensamento ocidental, os pólos unidos são responsáveis pelo produto final, que, caso seja repartido, se não destruir empobrece muito o todo. O sambista Chico Buarque situa-se entre o popular e o erudito. O artista Chico Buarque, escritor e sambista, situa-se entre o popular e o erudito.

No que diz respeito à arte, em inúmeros trabalhos, temos o Brasil que muitos de nós sonhamos. Mas, infelizmente, como denunciara Nietzsche ainda no século XIX, arte e vida andam, há muito tempo, separadas.